



Programa de rádio “Sexta-feira 13”¹

Gilda MIRANDA²

Luana ROMANHA³,

Centro Universitário Vila Velha (UVV), Vila Velha, ES

RESUMO

O presente trabalho trata de relatar o processo de produção do documentário de rádio Sexta-Feira 13. Discutir a historicidade e a influência das lendas na sociedade contemporânea. O radiodocumentário nasceu como um projeto de radiojornalismo no Núcleo Integrado de Comunicação do Curso de Jornalismo da UVV. O documentário busca discutir a presença das lendas históricas na sociedade atual imprimindo no contexto o debate sobre fatos sombrios reais e/ou imaginários. A tentativa é esclarecer, através de entrevistas, interpretação de textos e uma sonoplastia toda voltada para o misterioso, até que ponto algumas histórias podem ser consideradas verdadeiras e como elas podem modificar o comportamento de um grupo social, ao mesmo tempo em que são expressões culturais destes mesmos grupos.

PALAVRAS-CHAVE: Lendas; mitos; história; radiodocumentário.

INTRODUÇÃO

No ano de 2009 foi produzido o radiodocumentário Sexta-feira 13, idealizado por quatro alunos do 6º período de jornalismo da UVV: Fernanda Lorenzoni, Felipe Mansur, Luana Romanha e Sayonara Brandão. O programa abordou o que existe de mais curioso sobre as lendas, os mitos e a história do Espírito Santo e do Brasil, discutindo o envolvimento e influências destes episódios, históricos ou não, com os indivíduos da sociedade.

A influência às vezes é tamanha, que uma lenda pode vir a mudar o estilo de vida e as atitudes tanto de pessoas, individualmente, como de grupos sociais. Lendas são importantes para a construção da cultura dos seres humanos. Mas o que são lendas? No livro de Jean-Pierre Bayard, exemplar feito para internet, é possível entender que,

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade documentário em áudio (avulso).

² Orientadora do trabalho, Professora de radiojornalismo da UVV, email: gildasmiranda@yahoo.com.br

³ Aluna líder do grupo e estudante do 6º Período do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UVV, email: luana.romanha@gmail.com



A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (*Voragine*); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma idéia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho. (BAYARD, 2008)

As lendas adaptam uma visão mais profunda às culturas que as criam. As lendas evoluem na mesma proporção das culturas; novos assuntos e variações surgem ao longo da formação e amadurecimentos das sociedades. As lendas vão sendo modificadas no decorrer da história. Os métodos de transmissão das lendas também mudam. No passado era comum os avós contarem histórias para os netos. Era comum também, aquela roda de amigos e parentes que narravam as histórias, muitas vezes com elementos novos e com novos rumos e desfechos. Hoje, raramente vê-se esta prática.

Comumente fatos históricos, lendas e contos são conhecidos por meio da TV, dos livros ou, mais recentemente, da internet. Estas novas formas de narrativas e suas características no contexto social atual foram discutidas no nosso programa radiofônico.

Afetando o comportamento do indivíduo como um todo, as lendas afetam também a vida das pessoas em todas as fases, mas sempre com algumas restrições. Segundo Jean-Pierre Bayard,

Freud, com seus alunos Abraham, Rank, Riklin, vê nos mitos a expressão de desejos persistentes da mesma natureza dos que se manifestam nos sonhos. Quanto mais a censura social se desenvolve, mais a civilização se complica. Freud mostra ainda que “as aspirações fundamentais da humanidade, que encontram satisfação nas diferentes crenças religiosas e os vários estados emocionais têm como fonte conflitos intrapsíquicos que, do ponto de vista ontogênico remontam à nossa primeira infância e, do ponto de vista filogênico, aos nossos primeiros ancestrais humanos. (BAYARD, 2008)

Quando criança o bicho papão, a mula sem cabeça e o saci pererê, por exemplo, fazem parte do universo vivido na infância. Assim como quando jovem se acredita na mulher de



algodão⁴. Quando um pouco mais velho passa-se a pensar em fatos históricos ditos como verdade pelos livros, mas que muitas vezes têm um adicional lendário.

Para o professor e historiador Rafael Simões, as lendas são tomadas pelas sociedades como formas de explicar a si mesmas e também de discutir suas próprias práticas e situações cotidianas. A questão sobre sete de setembro não é exatamente uma lenda e sim a sua transformação em um mito ou uma tradição inventada.

Fatos, lendas e histórias interessantes do Espírito Santo foram relatados e discutidos no radiodocumentário Sexta-feira 13. Para se produzir um radiodocumentário é necessário que se aguice o imaginário do ouvinte sobre assuntos cotidianos, mostrando opiniões de especialistas em forma de entrevista visando, de certa forma, esgotar o tema para informar o receptor.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas idéias e interesses. (MCLEISH, 2001, p.192)

Com a história de Maria Ortiz⁵, fato considerado História Oficial do Espírito Santo, foi possível acrescentar informações valiosas e abrir uma reflexão sobre as histórias que foram poetizadas e mistificadas ao serem relatadas em livros didáticos. Sobre o universo da era visual nos respaldamos no artigo de Norval Baitello Júnior, 1997, em que ele fala sobre a “Cultura do Ouvir”.

Assim, o ouvir e o ver, operações perceptivas associadas a cada um destes dois universos, requerem ambos o cuidado e o cultivo dos próprios limites. O ouvir, mais vinculado ao universo do sentir, da paixão, do passivo, do receber e do aceitar. O ver, mais associado ao universo da ação, do fazer, da atividade, do atuar, do agir e do poder... (BAITELLO, 1997, p.18).

É interessante a questão da cultura do ouvir, pois em contraponto, a visibilidade também tem seu tempo. Naturalmente, o que foi dito permanecerá por mais tempo na memória do

⁴ Na década de setenta, um fantasma com características muito particulares ganhou as manchetes dos jornais. A aparição se apresentava como uma mulher loura com algodão na boca, ouvido e nariz. Aterrorizava as crianças que freqüentavam os banheiros de escolas públicas ou particulares. (Trecho retirado do site Sobrenatural).

⁵ Personagem lendária que liderou a expulsão dos holandeses em 1625. Na história do Espírito Santo, uma jovem se destacou pela sua bravura e ato heróico. Trata-se de Maria Ortiz, que é reverenciada com orgulho até os dias atuais. Nascida em Vitória no ano de 1603, ela se tornou heroína após enfrentar o ataque de holandeses na época em que a Capitania do Espírito Santo era alvo de piratas. O fato que imortalizou Maria Ortiz na história do Espírito Santo aconteceu no dia 12 de março de 1625, quando os habitantes da Vila de Vitória, principal centro da capitania, tiveram uma surpresa ao ver desembarcar Pieter Heyn, um almirante holandês, junto com sua tripulação. (Trecho retirado do site da Revista ES Brasil).



indivíduo do que o que tenha sido visto. Ou seja, o que é visível morre mais rápido do que o que é ouvido. Paralelo a essa pós-modernidade, a essa sociedade da imagem, vivemos também na época do perecível, do descartável.

Para ouvir sons, basta que sejamos passivamente receptivos, aprendemos a ser passivos. Já para a recepção da imagem, somos obrigados a ser ativos, a direcionar o nosso olhar para algum objeto. E aquele genial filósofo e musicólogo que escreveu Nada Brahma, Joachim-Ernst Berendt fala de uma coisa curiosa, de um sentido “masculino” invasivo do olhar e de um sentido “feminino”, receptivo do ouvir. Portanto, todas as implicações de atividade e passividade, de invasão ou de receptividade estariam presentes nos contextos em que ocorre o predomínio da visão ou da audição. (BAITELLO, 1997, p.17).

Mas quando ele fala da visualidade, não é apenas a óptica e sim a subjetiva, a imaginária. São os valores imagéticos. Aproveitando a análise de Norval Baitello Júnior, 1997, acrescentamos ainda o conceito de Eduardo Meditsch, 2005, no que diz respeito ao veículo/suporte utilizado por nós para veiculação do nosso produto jornalístico:

O rádio é uma função de originalidade. Não pode se repetir. Deve criar a cada dia. Não é simplesmente uma função que transmite verdades, informações. Deve ter vida autônoma nessa logosfera, nesse universo da palavra, nessa palavra cósmica que é uma nova realidade do homem. É preciso que vá buscar no fundo humano princípios de originalidade. (MEDITSCH, 2005, p.130)

Para que a mensagem seja melhor entendida ainda vai depender de outras variantes do tipo: entonação da voz, ruídos, músicas, a escolha de palavras, o silêncio, a pausa, ritmo entre outros recursos. O avanço da tecnologia só veio a acrescentar o conteúdo do rádio, agregando valores como efeitos sonoros para a composição da informação, despertando sensações e formando uma relação afetiva com o ouvinte. O que implica ainda uma série de recursos que contribui para a criatividade e a intenção comunicativa e expressiva do emissor. No caso do radiodocumentário estes elementos e características do rádio contribuíram muito para atingirmos o objetivo de passar a mensagem.

A linguagem radiofônica engloba o uso da voz humano, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que atuam isoladamente ou combinado entre si de diversas formas. Cada um desses elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. Os três últimos trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa ao consciente. (FERRARETTO, 2001, p.26)



1.0 O MISTERIOSO NAS ONDAS DO RÁDIO

Despertar no público o apreço pelas lendas e levar a reflexão de que essas histórias místicas e fantasiosas que fazem parte da cultura de cada região e de cada povo foi o principal objetivo do grupo de alunos de jornalismo, ao definir a temática radiodocumentário experimental.

Segundo o contador de histórias Ilan Brenman, em entrevista para a revista Crescer, 2009, as histórias têm um poder de assimilação impressionante, muitas vezes para mostrar um caminho ou uma novidade, as histórias surtem mais efeito do que uma conversa ou uma reunião. Para ele “as histórias são criadas para explicar o que, para o homem, não tem explicação”.

Um dos aspectos que faziam parte das reuniões de produção do radiodocumentário Sexta-feira 13 era a tentativa de compreender determinado grupo social ou momento histórico através das lendas. As discussões giravam em torno das contestações históricas que existem tanto por parte de historiadores, como escritores de que muitas vezes os livros didáticos não mostram os fatos históricos como realmente aconteceram, ou seja, eles são narrados de acordo com interesses ou pontos de vista que os distorcem.

Núcleos narrativos e constrói um movimento afetivo: o silêncio é a língua de todas as fortes paixões, com o amor, o medo, a surpresa, a raiva. Quanto mais intenso for o sentimento menos palavras poderão defini-lo. O silêncio é ainda um elemento distanciado que proporciona a reflexão e contribui para o ouvinte adotar uma atitude ativa em sua interpretação da mensagem. (BALSEBRE, 2005, p.334)

A pesquisa teve como foco entender como essas “lendas” históricas foram repassadas durante anos, muitas vezes sendo tratadas como verdades absolutas e/ou oficiais.

No caso capixaba, a pesquisa e exposição dos personagens históricos Maria Ortiz e Caboclo Bernardo⁶, contribuíram para o entendimento da história do Espírito Santo. Se analisarmos Maria Ortiz, por exemplo, veremos que de fato ela esteve à frente de um movimento na Capital, Vitória, em 1.625, quando lutou contra os holandeses, mas de acordo com o professor e historiador Rafael Simões pode ter havido partes não concretas no acontecimento.

⁶ O caboclo Bernardo tornou-se conhecido após o acidente, ocorrido com o cruzador Imperial Marinheiro, da Marinha de Guerra Brasileira. (Trecho retirado do site cultura capixaba)



Com Caboclo Bernardo a história segue mais ou menos o mesmo roteiro. De fato o Caboclo foi um homem que salvou muitas vidas no distrito de Linhares, mas a forma como a história é contada muito provavelmente é exagerada. Rubem Braga, 1984, conta a história em uma crônica retirada da internet.

Foi naquele 7 de setembro, que Caboclo Bernardo à uma e quarenta da madrugada, sob um raivoso sudoeste e grande escuridão, que o cruzador Imperial Marinheiro, um dos mais novos barcos da Marinha de Guerra Brasileira (deslocamento, 726 toneladas; boca, 8 m 27; calado 3 m 40; máquina 150 cavalos; marcha horária 11 milhas; armamento, 7 canhões de 34 e 4 metralhadoras, com 142 homens a bordo), chocou-se contra o pontal sul da barra do rio Doce, a 120 metros da costa. Foi arriado um escaler com 12 homens; o mar arreventou o escaler, mas 12 homens chegaram às 2 da madrugada à cabana do patrão-mor da barra para pedir socorro. (BRAGA, 1984)

1.1 LENDAS: UM TEMA DE INTERESSE CULTURAL

As lendas que permeiam a cultura de cada sociedade são de grande influência para o comportamento humano, ou para a formação do indivíduo, porém nem todas as pessoas têm conhecimento das lendas da sua cultura. Algumas pessoas acreditam na veracidade das lendas e outras muitas vezes desconhecem as histórias, as origens e as conseqüências das lendas na sociedade.

De acordo com o professor especialista em lendas, Horávio de Campos “todas as lendas e todos os mitos são considerados, a ciência não comprova as lendas e os mitos, mas eles existem por que as pessoas acreditam que eles existem, ligados diretamente a fé, a crença”.

O grupo assumiu a tarefa de fazer um radiodocumentário que discutisse as lendas no sentido de passar para a comunidade acadêmica sua importância para a cultura de um lugar ou de um povo. Nesse sentido, acreditamos que o programa presta um serviço aos alunos da UVV, jovens estudantes que muitas vezes não conhecem os mitos, lendas e histórias que foram construídos ao longo da formação do povo ao qual pertencem.

O radiodocumentário foi produzido com a opinião do público, por meio de contatos via e-mails; entrevistas com especialistas em cultura, história, jornalismo, antropologia e folclore. Foram escolhidas músicas de acordo com o tema específico do programa. Efeitos sonoros foram amplamente pesquisados e utilizados com o intuito de criar um ambiente que encaixasse com o que estava sendo narrado.



Todos os alunos envolvidos atuavam como produtores e locutores do programa, alternando-se nas funções de pauteiros, repórteres, locutores e editores. Utilizar o rádio para promover o aprofundamento do conhecimento sobre os mitos e lendas foi uma proposta desafiadora. O rádio é um veículo absolutamente sonoro, com a vantagem do alcance, mas com o a desvantagem da dispersão. Armand Balsebre pergunta se “teria o rádio uma linguagem específica?” e ele mesmo responde:

“A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes” (BALSEBRE, 2005, p.329)

Para contextualizar as idéias, o grupo ficava atento ao que era discutido sobre o tema na grande imprensa (TV, internet e jornais impressos e revistas), para estabelecer *links* com o programa, mas, não só na grande mídia a observação era feita, o grupo tentava “captar” tudo que pudesse ser relacionado com as lendas nacionais e capixabas. O processo de observação dos membros do grupo foi constante, objetivando sempre atingir o público alvo, pessoas de 18 a 25 anos.

1.2 CONSIDERAÇÕES

O radiodocumentário Sexta-feira 13 mostrou para os ouvintes um pouco mais sobre os mitos e as lendas nacionais e capixabas, contextualizando as histórias por meio de interpretações, entrevistas e sonoplastia. Para abrilhantar mais o programa foram usados os métodos citados, com intenção de chamar a atenção para o conteúdo, elevando o conhecimento e divertindo os jovens. Foi possível concluir que esse é um tema de interesse dos ouvintes, tanto pela curiosidade do conhecimento quanto pela procura por um programa diferente e divertido. Acreditamos que os programas de rádio possam debater e criar pautas que discutam esta questão, haja vista a quantidade enorme de “causos” que permeiam o imaginário das pessoas e que fazem parte da história das sociedades e comunidades rurais e urbanas brasileiras.

A própria temática do programa permitiu o uso de uma linguagem mais solta, mais contundente. Isso gerou uma boa audiência, haja vista que em um mundo onde as pessoas têm cada vez menos tempo para refletir, é fundamental se adaptar e criar meios eficazes de



diálogo com o ouvinte. O trabalho foi sempre norteado pela preocupação do grupo em ofertar um conteúdo proveitoso para os ouvintes, tentando abordar todos os lados das questões que envolvessem lendas. Evidente que esse universo oferece uma infinidade de possibilidades, e que não é possível abordar todas elas em um programa relativamente curto como o Sexta-feira 13.

O programa estabelecia assim uma “evolução” na cabeça do ouvinte, de maneira que o conhecimento a respeito das lendas fosse construído de maneira gradativa. Quando se pensa em produzir programas de rádio na mesma linha do Sexta-feira 13, deve-se deter a atenção na explicação dos conceitos e que profissionais entrevistar para obter total veracidade dos fatos para a inclusão no programa.

No que diz respeito ao aprendizado jornalístico, o programa foi de enorme relevância. Desde a preparação das pautas, passando pelas escolhas de entrevistados, as entrevistas propriamente ditas, a forma como o programa foi articulado e conduzido e a montagem do mesmo. No jornalismo não adianta ter um vasto material sobre determinado tema se não existe um enfoque bem definido ou se não existe a sensibilidade de realizar os “cortes” de maneira proveitosa, por isso a edição é tão importante.

O trabalho de montagem de um programa exige, sobretudo, muita atenção. Herótodo Barbeiro explica melhor esse processo.

A edição é a forma de se construir de maneira mais organizada uma reportagem ou uma seqüência de sonoras capazes de relatar um fato jornalístico. As edições devem ser enxutas, ricas em conteúdo e didáticas, para que o ouvinte saiba do que se está falando. O editor é o filtro do produto jornalístico, o responsável final pelas reportagens levadas ao ar. Ele corrige os erros detectados e avalia o tempo da reportagem, considerando a qualidade e a importância do assunto. (BARBEIRO, 2002, p.70)

A atuação da professora orientadora também foi de extrema e fundamental importância, tanto no sentido de orientar o grupo para os possíveis enfoques a serem dados no programa, quanto para a escolha da fonte mais adequada para falar sobre os temas. O radiodocumentário pôde, assim, ter um direcionamento melhor e, por conseqüência, um formato mais bem definido.

Por fim, a possibilidade de ouvir historiadores, contadores de história, professores, psicólogos, entre outros profissionais, permitiu que a visão fosse ampliada, entendendo melhor a rotina da rádio.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAITELLO Jr. Norval. “**Cultura do Ouvir**”. In: ZAREMBA, Lílian; BENTES, Ivana. (Orgs): Seminários Especiais de Rádio e Áudio - Arte da Escuta - ECO. 1997.2
- BALSEBRE, Armand. **A linguagem radiofônica**. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio. Florianópolis: Insular, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto. **Manual de Radiojornalismo**, Produção, Ética e Internet. In: Paulo Rodolfo de Lima, Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BAYARD, Jean-Pierre, **História das lendas**, www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html, acesso 10/02/2010 às 23h:30m
- BRAGA, Rubem. **Crônicas do Espírito Santo**, 1984, disponível em: www.morrodomoreno.com.br/especial11.htm, acesso 02/02/2010 às 9h:00m
- EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**, Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global: Nacionalismo, Globalização e Modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- LINTON, Ralph. **O Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**, São Paulo: Summus, 2001.
- A mulher de algodão**, Lenda. Disponível em: www.sobrenatural.org/, acesso 02/02/2010 às 9h:00m
- Caboclo Bernado**, Lenda. Disponível em: www.culturacapixaba.com/espírito-santo/historia/caboclo-bernardo-um-heroi-capixaba-no-naufragio-do-rio-doce/, acesso 25/02/2010 às 8h:00m
- Maria Ortiz**, Lenda. Disponível: em www.revistaesbrasil.com.br/materias/86-capa/656-maria-ortiz-, acesso 10/02/2010 às 11h:55m
- BRENMAN, Ilan, 2006. Disponível em: www.ilan.com.br, acesso 15/02/2010 às 14h: 44m